

CAMINHO DA SERVIDÃO: o projeto neoliberal e a conquista da subjetividade como afirmação da liberdade

Sandro Muniz Correa¹

RESUMO: Após a segunda guerra mundial, a partir de uma ação deliberada de grupos econômicos em busca de poder e dominação em escala global, o neoliberalismo apresentava-se como resposta à crise do capital, quando o mundo desmoronava em contradições e violências sem precedentes. Estudar a obra emblemática O Caminho da Servidão de Friedrich Hayek talvez seja a melhor maneira de expor o projeto neoliberal em seus próprios termos. Contudo, em seguida, é preciso realizar um contraste, um olhar crítico sobre o fenômeno através das leituras de vários pensadores, dentre eles os filósofos Foucault e Deleuze, para compreender o sucesso de um projeto que começa na academia e faz história transformando diferentes culturas, produzindo subjetividades e ajustando instituições históricas ao conjunto de ideias de ordem político-econômica que visa a supremacia: a vitória histórica de uma elite que não só deseja a conservação, mas, sobretudo, o aumento da exploração pelo capital. A narrativa construída deve ser materialista, à maneira de Espinosa, partindo de hipóteses criativas relacionando à observação empírica do fenômeno com o intuito, além da compreensão e melhor constituição do problema, preparar o terreno para uma proposta de afirmação política, o porvir nas palavras de Antônio Negri.

Palavras-chave: neoliberalismo, subjetividade, Hayek, Espinosa, Deleuze.

ABSTRACT: After World War II, from the deliberate action of economic groups in search of power and domination on a global scale, neoliberalism was a response to the crisis of capital as the world collapsed into unprecedented contradictions and violence. Studying the flagship work Friedrich Hayek's Path of Serfdom is perhaps the best way to expose the neoliberal project on its own terms. However, it is necessary to make a contrast, a critical look at the phenomenon through the readings of several thinkers, among them the philosophers Foucault and Deleuze, to understand the success of a project that begins in the academy and makes history transforming different cultures, producing subjectivities and adjusting historical institutions to the set of ideas of a political-economic order aimed at supremacy: the historical victory of an elite that not only desires conservation, but above all, the increase of exploitation by capital. The constructed narrative must be materialistic, in the manner of Espinosa, starting from creative hypotheses relating to the empirical observation of the phenomenon with the intention, besides understanding and better constitution of the problem, to prepare the ground for a proposal of political affirmation, the future in the words of Antônio Negri.

Keywords: neoliberalism, subjectivity, Hayek, Espinosa, Deleuze.

INTRODUÇÃO

A melhor maneira de abordar o fenômeno histórico do neoliberalismo, a partir de uma perspectiva espinosana², seria coletar e reunir todos os enunciados referentes aos debates

¹ Pós-graduado em Filosofia Contemporânea na PUC/RJ em 2015. Mestrando em Filosofia pela UFRJ em 2018. E-mail: muniz.sandro@yahoo.com.br

² Espinosa explica que o movimento teológico cristão, por exemplo, foi um movimento político, pois as escrituras sagradas não precisavam de interpretações por metáforas. A Bíblia deveria ser interpretada através

promovidos pelos neoliberais, esclarecendo suas críticas e utopias. A ideia é descrever como o mundo deveria ser e não como ele é, de acordo com a concepção neoliberal. As reuniões nos berços do capital (em Genebra, Chicago e Viena), as divergências com a corrente keynesiana e a teoria encomendada pelos irmãos Charles e David Koch ao economista James McGill Buchanan (relatadas pela historiadora americana Nancy MacLean)³ são fatos de extrema relevância para a elaboração de boas hipóteses sobre o fenômeno. Todavia, nessa fase de coleta de dados, devemos nos restringir aos textos, qualquer crítica à falta de materialismo presente nas teorias abordadas seria inapropriada.

O formato do artigo, contudo, não permite tal mergulho, por isso escolhemos a obra emblemática **O Caminho da Servidão** de Friedrich Hayek como fonte de pesquisa. Nessa obra, o filósofo atribui a crise do capitalismo ao fenômeno de uma “subjetividade socialista”, uma vez que decisões estatais, para atender à reivindicação de igualdade, leva o sistema capitalista a uma série de disfunções. O economista, entretanto, concebe a relação capitalista como a única forma possível para o exercício de uma vida plena em sociedade. O erro, de acordo com Hayek, consiste em não intervir corretamente no mercado. O certo seria incentivar a competição e a espontaneidade individual. O discurso de igualdade, presente na retórica socialista e nas políticas de bem-estar social, impede o crescimento da economia, uma vez que não estimula a concorrência. Hayek não tem dúvidas que o capitalismo, em uma versão competitiva, pode promover nunca a igualdade, mas uma melhora crescente na vida de todos.

Certo que existem muitas discordâncias frente à teoria de Hayek, podemos, então, criticá-lo, preliminarmente, pela construção de um falso problema acompanhado de inúmeras soluções, as quais pretende, de forma bastante coerente com interesses seus e do seus pares, implementar transformações profundas em escala mundial que garanta, não apenas a conservação, mas a expansão de poder e dominação, conferindo-a a determinados grupos econômicos, mais precisamente os mesmos patrocinadores do projeto neoliberal. Assim, o presente artigo busca, primeiro, demonstrar o impacto do Neoliberalismo nas filosofias políticas de Foucault e Deleuze e, a partir dessas perspectivas, construir hipóteses sobre o fenômeno neoliberal para, em seguida fazer

do “conhecimento perfeito da natureza e das propriedades da língua em que o texto foi escrito; coleta e reunião de todos os enunciados referentes a um mesmo assunto, o que possibilita o esclarecimento de um escrito obscuro pela comparação com outros que versem sobre a mesma matéria sem indagar sobre a verdade das coisas e dos fatos relatados mas apenas sobre o verdadeiro sentido do texto”. (CHAUI, 1999, “A Nervura do Real I”, p. 19).

³ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570006-o-programa-secreto-do-capitalismo-totalitario>

uma reflexão, levando em conta o modelo de natureza humana presente na Ética de Espinosa e a condição humana atual segundo a sociedade vigente capitalista neoliberal.

Deste modo, esse artigo divide-se em três partes. Na primeira parte (1), iremos analisar o projeto neoliberal em seus próprios termos. Na segunda parte (2), vamos debater a sociedade neoliberal segundo os conceitos dos filósofos espinosanos Michel Foucault e Gilles Deleuze. Na terceira e última parte (3), apresentaremos uma hipótese sobre a sociedade capitalista do século XXI e uma reflexão sobre a condição humana na sociedade contemporânea neoliberal sob os parâmetros de liberdade e servidão descritos na ética de Espinosa, mais precisamente na parte IV E V da obra magna do filósofo moderno.

PARTE I - O PROJETO NEOLIBERAL EM SEUS TERMOS

O bem comum, segundo Hayek, é uma abstração utilizada por intervencionistas que visam o totalitarismo e não a democracia. O capitalismo, em seu início, promove uma acentuada assimetria no consumo, acarretando um sentimento de desigualdade como primeiro efeito produzido na subjetividade daqueles que não gozam do mesmo progresso, isto é, daqueles que não têm o mesmo acesso aos bens produzidos.⁴ O aumento da pobreza relativa é, portanto, o principal motivo de reivindicações políticas, uma vez que não percebem, como Hayek, o potencial do sistema capitalista liberal em promover, no devir, um considerável crescimento do consumo para todos os segmentos da sociedade:

Nenhum espírito sensato teria duvidado de que as regras primitivas nas quais foram expressos os princípios da política econômica do século XIX eram apenas o começo, de que ainda tínhamos muito a aprender e de que havia ainda imensas possibilidades de progresso no caminho que vínhamos seguindo. Mas esse progresso só seria alcançado à medida que conquistássemos um crescente domínio intelectual das forças que teríamos de empregar. (HAYEK, 2010, p. 49, grifo nosso).

Deste modo, surge um “psicologismo” socialista defensor da igualdade como fator central no desenrolar do processo político. Os neoliberais sabem que o capitalismo produz desigualdades e

⁴ HAYEK, 2010, p. 119: Isso não é um simples jogo de palavras. Estamos tratando de uma questão crucial que a semelhança dos termos tende a ocultar. Embora o consenso em torno da igualdade completa solucionasse todos os problemas de mérito que o planejador tem de resolver, a opção por uma igualdade maior não soluciona quase nenhum. Seu teor não vai muito além de expressões vagas como “o bem comum” ou “o bem estar social”. Não nos livra da necessidade de decidir em cada caso entre os méritos de determinados indivíduos ou grupos, e não nos auxilia nessa decisão. Limita-se, com efeito, a dizer que devemos tirar dos ricos o mais que pudermos.

que a carência de consumo atinge uma parte considerável da população. Por isso, Hayek reconhece uma tendência vitoriosa dos que discursam contra as desigualdades em um processo democrático liberal que se recusa a lançar mão de medidas autoritárias. O discurso socialista muda a concepção de liberdade, que agora passa a ser o ideal de distribuição equitativa da riqueza:

A reivindicação da nova liberdade não passava, assim, da velha reivindicação de uma distribuição equitativa da riqueza. Mas o novo rótulo forneceu aos socialistas mais uma palavra em comum com os liberais, e eles a exploraram ao máximo. E, conquanto o termo fosse empregado em sentido diferente pelas duas correntes, poucos o notaram, e menor número ainda se perguntou se as duas formas de liberdade prometidas poderiam realmente harmonizar-se. Sem dúvida a promessa de maior liberdade tornou-se uma das armas mais eficazes da propaganda socialista, e por certo a convicção de que o socialismo traria a liberdade é autêntica e sincera. (HAYEK, 2010, p. 49).

Essa nova concepção modifica, equivocadamente, a própria agenda liberal, segundo Hayek, pois o socialismo opera um desvio de percurso, ou melhor, o “*abandono do caminho*”⁵, promovendo a igualdade na servidão e não na liberdade. A tradição individualista responsável pelo êxito do processo civilizatório ocidental, deste modo, cai no esquecimento. A impaciência intervencionista para atender as demandas populares, a inércia do liberalismo clássico de manter o *laissez-faire* e não promover uma renovação da doutrina liberal e, sobretudo, manter a lentidão do progresso no tocante ao aumento do consumo de massas acarretaram o triunfo de políticas socialistas. Políticas essas que, devido a sua natureza intrínseca, provocam inexoravelmente o advento dos fenômenos totalitários. Redução de desigualdades é sinônimo de fascismo segundo o autor neoliberal. Deste modo, o discurso de Hayek blinda o capitalismo da responsabilidade pelos desastres fascistas e nazistas experienciados pelo mundo durante a segunda guerra mundial.

A desigualdade deve ser mantida, pois ela permite a competição que, na leitura hayekiana, é a base da sociedade. A competição é responsável por impulsionar a espontaneidade e a criação individual, levando, assim, a prosperidade. Todo ser, neste novo paradigma, é um capital individual que segue uma racionalidade econômica de fazer mais com menos, isto é, de maximizar os ganhos e minimizar os custos dos bens que são necessariamente escassos em um ambiente competitivo. A racionalidade está no campo individual, não devendo ser parte de uma política centralizadora que não reconhece a diversidade. As leis devem ser sutis no tratamento das externalidades para permitir o funcionamento benéfico da concorrência. Portanto, a hostilidade à concorrência, que ganha o discurso da classe política, deve ser combatida, pois existe uma iminente ameaça de corporativismo,

⁵ HAYEK, 2010, p. 30.

quando monopólios presentes nas burocracias passam a exercer um domínio autoritário sobre as decisões político-econômicas da sociedade.

Assim, a nova ordem que surge não percebe a existência de regras deliberadas pelas multidões de agentes econômicos que não podem, em hipótese nenhuma, ser objeto de intervenção estatal. Acordos consensuais realizados pelos agentes devem ser pactuados e positivados em lei garantidos pelo Estado de direito. Destarte, a planificação centralizadora da economia através de um ordenamento jurídico “engessado” deve ser evitada, pois não contempla as singularidades e as mudanças do mercado. Por isso, as leis oriundas do planejamento estatal de governos totalitários são alvos da crítica de Hayek.

Além de criticar as “ações socialistas”, o movimento neoliberal busca renovar os conceitos. A categoria trabalho descrita pelos clássicos, por exemplo, não está de acordo com a essência humana competitiva. Deste modo, é importante conceber uma teoria que atualize os principais conceitos liberais com o intuito de produzir uma nova subjetividade. A “mentalidade” socialista daria lugar a um “self empreendedor”, ainda que a maioria dos indivíduos não sejam detentores de capital no sentido dado por Marx. Para conquistar essa subjetividade, o neoliberalismo modifica também, como vemos, o conceito de capital. A relação capitalista não está mais restrita ao ambiente produtivo, uma vez que o meio afetivo é investido por essa nova forma de vida. O fetiche não se reduz mais a mercadoria, pois todos desejam, além dos produtos, exercer, principalmente, o papel triunfante do capitalista. As famílias devem se reconhecer como proprietária de capitais humanos. Levar o filho a uma consulta médica, por exemplo, é investir em um ativo financeiro da família, impedindo sua depreciação. A concepção clássica teria permitido o crescimento do discurso marxista que, de certa forma, atendia aos anseios das classes trabalhadoras e a uma consciência de classe. A mão invisível do mercado de Adam Smith precisa ser reciclada frente a marcha da “servidão socialista”. Daí a importância de políticas que zelem pelo primado da competição, pois Hayek está convencido que o mercado não caminha para o equilíbrio como queriam os clássicos liberais, mas para a revolução e a derrota do capital.

Há, em particular, enorme diferença entre criar deliberadamente um sistema no qual a concorrência produza os maiores benefícios possíveis, e aceitar passivamente as instituições tais como elas são. Talvez nada tenha sido mais prejudicial à causa liberal do que a obstinada insistência de alguns liberais em certas regras gerais primitivas, sobretudo o princípio do *laissez-faire* (HAYEK, 2010, p. 42).

A habilidade de Hayek se traduz na sua interpretação política, atribuindo a crise do capital ao socialismo. No pós-guerra, o filósofo acena com um projeto de renovação que deve abranger uma grande reforma das instituições mundo a fora. Todas elas precisam aderir aos novos enunciados. A retórica hayekiana irá nortear uma produção infinita de discursos em defesa do capitalismo. Hayek consegue de uma só vez: (1) denegar o socialismo e o estado de bem-estar social colocando-os como culpados pelo surgimento de governos totalitários; (2) criticar os governos totalitários intervencionistas como racionalidades burocratas, planificadoras e legalistas; e, finalmente, (3) renovar o liberalismo em seus principais conceitos sobre liberdade, trabalho e capital.

PARTE II - O NEOLIBERALISMO EM OUTROS TERMOS

Estender o conceito de socialismo foi sem dúvida uma grande estratégia do neoliberalismo. Schopenhauer, em **Arte de ter Razão**⁶, esclarece esta tática de ampliar o conceito para, logo em seguida, criticar o que foi ampliado. O socialismo em Marx, até então, sempre fora associado a um conjunto de operadores. Colocar qualquer ação que vise reduzir a desigualdade como sinônimo de socialismo trata-se de extrapolação do conceito. Toda iniciativa por redução da desigualdade passa a ser considerada como ação planejada e centralizadora, isto é, uma ação socialista. Assim, o filósofo austríaco consegue endereçar seu discurso, também, contra a versão capitalista de bem-estar social que, a partir de então, situa-se a esquerda, apesar de não ter estreita ligação com o marxismo. Se a social democracia é o primeiro inimigo do neoliberalismo, o segundo oponente é, sem dúvida, a democracia de massa.

O NEOLIBERALISMO EM FOUCAULT

De acordo com Foucault, o neoliberalismo realiza uma síntese do liberalismo clássico com um novo ideal de competição promovendo uma racionalidade que leva o discurso econômico para uma esfera não econômica. Esse fenômeno inaugura o nascimento da biopolítica, uma lógica que produz subjetividades determinando um novo modo de vida: a concorrência incessante entre

⁶ Schopenhauer, 2014: OUTRA ESTRATÉGIA é interpretar a afirmação estabelecida de maneira relativa, *κατα τι*, como se tivesse ido feita de maneira geral e absoluta, *ἀπλως*, ou pelo menos em um sentido completamente diferente, e então refutá-la pelo sentido que o falante não quis. O exemplo de Aristóteles é o seguinte: o mouro é negro, entretanto os dentes são brancos; assim ele é negro e não negro ao mesmo tempo. Esse é um exemplo inventado, que ninguém levaria a sério: peguemos então um da experiência real

indivíduos e entre instituições. Tudo passa a ser pensado em termos de resultado financeiro. Medição e ranking são termos presentes em todas as atividades, sejam elas econômicas ou não:

Eles retomam essa concepção clássica e retomam o princípio da concorrência, e somente da concorrência, para assegurar a racionalidade econômica. Ela pode assegurar a racionalidade econômica mediante o que? Pois bem, mediante a formação de preços, que, na medida em que há concorrência plena e inteira, são capazes de medir as grandezas econômica e, por conseguinte, regular as escolhas. (FOUCAULT, 2008, p. 162).

O modelo da troca dá lugar ao paradigma do investimento. Deste modo, o neoliberalismo não deve ser reduzido a uma política econômica, mas uma nova governamentalidade. Por exemplo, um estado pode adotar em determinados momentos uma política keynesiana e continuar sendo neoliberal. Essa nova forma de vida não se reduz a uma política estatal, mas uma lógica que, uma vez instalada no inconsciente popular, garante a permanência da relação capitalista, ainda que, em alguns momentos, a política econômica não seja aquela prescrita por Hayek. Desta forma, Foucault não adota uma abordagem marxista que concebe o primado do discurso econômico. A luta contra o sistema capitalista não deve circunscrever-se a essa ordem. Não se trata de diminuir a crítica à política econômica, mas realizar o debate em outros domínios. Neste sentido, não podemos reduzir o neoliberalismo a um conjunto de políticas econômicas, nem a uma ideologia e muito menos a uma configuração estado-economia⁷. De acordo com Foucault, a categoria ideologia mostra-se insuficiente para a compreensão dessa nova racionalidade. O que Foucault faz é propor uma nova abordagem:

Portanto, ao retomar essa recusa no curso de 1980, Foucault (2010, P.68) dirá: “retomando-a, eu creio, ou em todo caso, eu gostaria, eu espero, operar cada vez um leve pequeno deslocamento”. Antes disso, atenhamo-nos a outras três razões pelas quais, nesse momento, ele afirma ter substituído a noção de ideologia dominante pela noção de saber-poder. (BENEVIDES, 2013, p.96).

Foucault nos leva a conceber a história pelos seus movimentos imanentes. Imaginar que existe algo fora do poder é partir para a transcendência. É necessário retirar o moralismo da ideologia, pois não existe nada desinteressado, toda relação é relação de poder, o que não significa um ceticismo, mas uma constante avaliação do discurso. Propor novas subjetividades e formas de

⁷ BROWN, 2015, “Undoing the demos”, p. 9.

vida sempre deve estar acompanhado de uma analítica do poder. O que traz esses novos discursos? Será que eles são revolucionários ou reforçam um neoliberalismo totalitário?

Sem dúvida, Foucault já antecipava outras formas de exploração diante dessa nova realidade. O *homo economicus* deve ser seguido como modelo de vida boa. Assim, as métricas são produzidas e toda uma normatividade é imposta. A formação continuada ilustra a competição desenfreada e o incentivo ao individualismo que fragiliza o ideal de democracia. O incremento da subjetividade neoliberal frustra a participação em uma vida em comunidade, pois existe a preponderância do investimento no individual e não no “bem” coletivo, violando um pressuposto de uma sociedade democrática.

De acordo com Wendy Brown, a racionalidade neoliberal causou dois impactos. O primeiro foi associar o exercício da liberdade ao dismantelamento do estado de bem-estar social quando reduziu as demandas populares ao âmbito do indivíduo e da família, preterindo sempre o atendimento as reivindicações dos movimentos sociais. O segundo impacto foi a implementação permanente de um conjunto de ações estatais com o intuito de manter a desregulamentação da esfera pública. Ou seja, além de não atender as reivindicações das organizações sociais, houve um deliberado esvaziamento da sociedade civil através de uma prática de desmonte. Deste modo, o neoliberalismo, praticamente, decretou o fim do pacto social.⁸

O modelo neoliberal construiu uma nova subjetividade que confunde liberdade com autoritarismo e mistura direito com privilégio. Sendo assim, não se pode mais falar em sociedade, uma vez que as figuras do “empresário de si” e do “homem endividado” ganha o tecido social. O indivíduo, no neoliberalismo, concebe a existência como uma atividade econômica, ou seja, viver é ter sucesso individual em suas conquistas, mas, também, é suportar individualmente todos os fracassos contingentes, que não são poucos, gerando uma consciência ressentida que atribui ao outro (ao imigrante, ao pobre e ao diferente) a responsabilidade pelas suas frustrações. Podemos perceber que o neoliberalismo tem como consequência imanente a falta de democracia, que possui elementos autoritários, populistas e fascistas clássicos, mas que não se reduz a esses.⁹

⁸ BROWN, 2018, “Where the fires are, An interview with Wendy Brown e Jo Littler”, 18 April 2018.

⁹ idem: What brings someone like Trump to power was the combined emphasis on (non-democratic) liberty and authority; on both statism and the right to say, feel and do whatever one wants. Again, this is a peculiar political formation that we’ve not had before and that we should not reduce to or equate with older forms of authoritarianism, populism or fascism.

O NEOLIBERALISMO EM DELEUZE

Para além de Foucault, Deleuze reconhece uma nova forma de exploração da subjetividade na sociedade neoliberal: a servidão maquínica. No período entre os séculos XVIII e XX, Foucault percebeu que o capitalismo operava por instituições, que realizavam a gestão da vida em espaços fechados de acordo com regras específicas de direção e controle. Contudo, a partir da segunda metade do século passado, Deleuze, identificou um movimento de substituição das normas particulares dos confinamentos por uma norma universal, mais flexível, que atua em todo corpo social. A sociedade contemporânea capitalista é marcada pela transição da sociedade da disciplina para a sociedade de controle, ocorrendo, de forma gradativa o aumento do controle no espaço aberto. Deleuze entende que o capitalismo, em sua versão neoliberal, vem implementando esta transformação através de um intenso controle da subjetividade humana sem precedentes na história que se dá de duas maneiras: uma mais antiga, a sujeição social, e a outra, mais recente, chamada de servidão maquínica¹⁰.

Na sujeição social, o capitalismo distribui papéis e lugares como modelos de vida a serem seguidos pelos indivíduos. O sujeito, nesse momento, é tratado como humano, ainda que cinicamente, uma vez que a sujeição impede a diversidade e uma vida mais autêntica.¹¹ Por outro lado, na servidão maquínica, a figura do sujeito é completamente desconsiderada. Homem e máquina são “ajustados” da mesma forma por controles de entrada e saída. Os componentes da subjetividade humana não são sintetizados no “eu”. O sujeito, divisível, é tratado em pedaços, suas faculdades (inteligência, memória, percepção, etc.) são utilizadas em destaque pelo neoliberalismo em um complexo produtivo conceituado como agenciamento:

O capitalismo exerce um duplo cinismo: “cinismo humanista” de nos atribuir uma individualidade e papéis pré-estabelecidos (trabalhador, consumidor, desempregado, homem/mulher, artista, etc.) nos quais indivíduos devem se alienar; e cinismo “desumanizante” de nos incluir em um agenciamento que não distingue mais humano e não humano, sujeito e objeto, as palavras e as coisas. (LAZZARATO,2010).

¹⁰ “Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento (...). Tratase apenas de gerir sua agonia e ocupar pessoas, até a instalação de novas forças que se anunciam (...) São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.” (DELEUZE, 1992, Pág. 219).

¹¹ “Distinguimos como dois conceitos a servidão maquínica e a sujeição social. Há servidão quando os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior. Mas há sujeição quando a unidade superior constitui o homem como um sujeito que se reporta a um objeto tornado exterior, seja esse objeto um animal (...)” (DELEUZE/GUATTARI, 1997, pág.156)

Toda produção (social, econômica, financeira) é feita por agenciamentos coletivos. O agenciamento capitalista explora a subjetividade nas duas modalidades. Através da servidão maquínica, o agenciamento reúne máquinas, homens, equipamentos e faculdades humanas tratando todos através de uma semiótica sem significado humano. Pela sujeição social, ao contrário, o mesmo agenciamento distribui papéis aos indivíduos por uma semiótica significativa¹². O agenciamento, via servidão maquínica, realiza uma dessubjetivação, liberando indivíduos de papéis estabelecidos por uma sujeição social anterior. Assim, para manter a acumulação, a eficiência, a produção e o consumo, o agenciamento, através de uma nova sujeição social, reterritorializa, instituindo outros papéis e novos possíveis, criando, desta maneira, novos desejos:

É contra essa possibilidade que a sujeição trabalha, assegurando a reterritorialização e a recomposição dos componentes subjetivos “liberados” pela servidão maquínica sobre o sujeito individuado, carregando-o assim de culpabilidade, de medo e de responsabilidade. (LAZZARATO, 2010).

Brown ressalta que a semiótica financeira assignificante permite uma clara indiferença aos princípios de justiça como, por exemplo, cortar impostos para os ricos e manter o capital como centro das preocupações do estado.¹³ O neoliberalismo, portanto, se locupleta não apenas pela divisão do trabalho, pela concorrência ou pelo saber, mas também por um agenciamento que produz desejos incessantemente nas pessoas, fazendo crer, nas representações que constituem no

¹² Sublinhou-se recentemente a que ponto o exercício do poder moderno não se reduzia à alternativa clássica 'repressão ou ideologia', mas implicava processos de normalização, de modulação, de modelização, de informação, que se apoiam na linguagem, na percepção, no desejo, no movimento, etc., e que passam por micro-agenciamentos. É esse conjunto que comporta ao mesmo tempo a sujeição e a servidão, levadas aos extremos, como duas partes simultâneas que não param de se reforçar e de se nutrir uma à outra. (DELEUZE/GUATTARI, 1997, pág.158).

¹³ BROWN, 2018, “Where the fires are, An interview with Wendy Brown e Jo Littler”, 18 April 2018. There’s also a difference between the iteration of neoliberalism in the 1980s and its quite dramatic shifts through financialisation when it gains financial semiotics, coordinates, imperatives and vicissitudes. It’s perfectly possible to continue the basic planks of neoliberalism – privatisation, dismantling whatever is left of the welfare state, slashing away at taxes for the rich and for corporations, keeping capital the centre of state concerns – while, at the same time, producing new regional domains of protectionism or rebellions against the EU or NAFTA. We are not ‘over’ neoliberalism just because we are ‘over’ a certain kind of right-wing alliance with globally de-regulated trade. There’s a reconfiguration going on and it’s important to see the extent to which the right has not rebelled against neoliberal reason or doctrine but only certain effects. Neoliberalism is being reiterated ... again. (BROWN, 2018).

imaginário popular, que, só através dele, do próprio agenciamento, tais desejos podem se realizar.¹⁴ Sendo assim, o neoliberalismo, para manter uma lógica crescente de produção, consumo e acumulação de riquezas, inovou a exploração, manipulando desejos através de controles sofisticados de subjetividades, espalhando desigualdades e servidão:

O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça imprudente dos nossos senhores. (...) O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas a explosão dos guetos e favelas. (DELEUZE, 1992, Pág. 221)

Ainda que o neoliberalismo, através do agenciamento, assedie incessantemente a interioridade humana, o indivíduo pode reagir ao assédio utilizando recursos disponíveis dentro do próprio agenciamento, pois sempre há espaço para a resistência. De acordo com Deleuze, o choque com o poder é o momento mais intenso, é o acontecimento na vida das pessoas¹⁵ quando, em termos espinosanos, somos causa da nossa ação. Sobre esta perspectiva, Espinosa pensa um “modelo de natureza humana” a ser perseguido: a liberdade. Não há dúvidas que a ética de Espinosa repercutiu nas filosofias de Deleuze e Negri. Sobre essa repercussão, pode-se pensar, via esses filósofos, não um devir, mas a construção ativa de um porvir, tendo como inspiração a filosofia materialista de Espinosa.

A HIPÓTESE

Após apresentarmos o impacto da sociedade neoliberal em Foucault e Deleuze, podemos expor a seguinte hipótese: O neoliberalismo tornou-se um grande agenciamento que consegue explorar a subjetividade em duas dimensões. Na primeira dimensão, como sujeição social, o projeto neoliberal teria conseguido estabelecer uma nova mentalidade. O empresário de si seria o principal

¹⁴ A servidão maquínica e a sujeição social põem o desejo para trabalhar, se por desejo entendemos não uma simples pulsão, uma mera energia libidinal, apenas um “conatus”, mas a potência de agir dentro de um agenciamento, de um conjunto, de um coletivo. (LAZZARATO, 2010).

¹⁵ “(...) o ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas”. (DELEUZE, 2005, p. 101).

papel a ser exercido por todos que fazem parte da sociedade capitalista contemporânea. A outra dimensão, seria o sucesso da implementação de uma nova forma de exploração subjetiva que opera por exclusão: a servidão maquínica como uma lógica que explora a subjetividade rendendo a mais-valia maquínica e a manutenção, nas palavras de Deleuze, da miséria extrema de três quartos da humanidade.

PARTE III – A IDEIA DE UM PORVIR A PARTIR DE ESPINOSA

Na parte IV da *Ética*, Espinosa define a virtude enquanto referida ao homem como o agir de acordo com a essência humana. A conduta virtuosa deve ser consonante com as leis de sua própria natureza. Quando somos causa adequada, causa total da nossa ação, agimos de acordo com nossa potência intelectual e corporal, estamos ativos e livres. O bem significa tudo que nos leva a liberdade, tudo que aumenta nossa potência e, conseqüentemente, nossa perfeição. A servidão, ao contrário da virtude, significa a “*impotência humana para moderar e coibir os afetos*”¹⁶. Sob domínio da fortuna, somos causa parcial das nossas ações (causa inadequada), uma vez que parte das nossas ações são efeitos de causas externas. Assim, movidos pela paixão, estamos passivos e servis. O mal é tudo que nos leva para a servidão, o que diminui a nossa potência e nossa perfeição. Espinosa, deste modo, cria um novo “modelo” da natureza humana baseado na liberdade e na servidão definindo sua imagem de bem e mal.

Pois como desejamos formar uma ideia de homem que seja visto como um modelo da natureza humana, nos será útil conservar esses vocábulos no sentido que mencionei. Assim, por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais, da natureza humana que estabelecemos. Por mal, por sua vez, compreenderei aquilo que, com certeza, sabemos que nos impede de atingir esse modelo. (ESPINOSA, 2017, “*Ética*”, Parte IV, prefácio, p. 157).

A imagem moral construída pela teologia foi erguida sob a ideia inadequada de um Deus eminente, misterioso, que reforçava os medos e a culpa, através da superstição natural humana que surge ao experimentar a contingência, como forma de dominação e legitimação do poder absolutista monárquico levando o homem a servidão. Portanto, recusamos uma abordagem cética da filosofia espinosana. Ainda que fosse possível pensar a realização da liberdade como exercício de poder do

¹⁶ ESPINOSA, 2017, “*Ética*”, Parte IV, Prefácio.

indivíduo ou de grupos de indivíduos sem consensos em detrimento da liberdade de outros, tal perspectiva iria de encontro a várias proposições da “Ética”:

É útil aquilo que conduz a sociedade comum dos homens, ou seja, aquilo que faz com que os homens vivam em concórdia e, inversamente, é mau aquilo que traz discórdia à sociedade civil. (ESPINOSA, 2017, “Ética”, Parte IV, proposição 40).

Sendo assim, quais seriam os valores e os princípios de justiça concebidos por Espinosa que substituiria a moral teológica vigente? Por dever agir ideal, na utopia espinosana, compreendemos sua proposta ética a partir de uma perspectiva de produção de realidade que permita maximizar o exercício da liberdade e minimizar a servidão através de instituições coletivas. Espinosa incentiva a prática consensual dos homens em suas composições políticas, isto é, Espinosa é um defensor da democracia. Entretanto, como podemos sair da servidão e chegar à liberdade? Espinosa explica que em uma disputa entre a paixão e a razão, a paixão sempre triunfa, pois muitas vezes, anda que percebemos o melhor, fazemos o pior. Não basta, portanto, sermos conscientes da ideia adequada da nossa essência. Para deixarmos de ser causa inadequada das nossas ações e nos tornarmos causa adequada delas, é preciso produzir afetos, ou melhor, desejos, a partir da razão. Somente através da fusão entre desejo e razão, uma “razão desejanter” ou um “desejo racional”, podemos triunfar sobre as nossas paixões, levando-nos ao exercício da liberdade.

O modelo de natureza humana de Espinosa repercutiu na filosofia de Deleuze. A liberdade e a servidão, nos termos espinosanos, seriam os principais marcadores éticos do filósofo contemporâneo. As “máquinas sociais” do “Anti-Édipo”¹⁷, são exemplos de mecanismos de servidão, que rebaixam as potências das nossas máquinas desejanter, fazendo-nos agir de acordo com seus critérios de punição e recompensa. Processos de subjetivação, ou melhor, de servidão humana seriam-nos impostos como, por exemplo, a “sujeição social” e a “servidão maquínica”. Antônio Negri foi outro filósofo contemporâneo influenciado pelo modelo de natureza humana de Espinosa. A liberdade humana como produção desejanter, a partir da ontologia espinosana, está ligada a ideia de “forças produtivas”. Quando as relações de produção dominam as forças produtivas, estamos, para o filósofo italiano, na servidão. O exercício da liberdade, em Negri, estaria ligado a ideia de liberação do desejo, isto é, o uso livre das nossas forças produtivas. O antagonismo dialético na história é consequência de um homem que segue suas paixões e não uma

¹⁷ DELEUZE/GUATARRI, 2011, “O Anti-Édipo”, p. 24: O corpo sem órgão, o improdutivo, inconsumível, serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo, de modo que as máquinas desejanter parecem emanar dele no movimento objetivo aparente que as reporta a ele.

razão desejante ou um desejo racional. A dialética não é intrínseca a essência humana, entretanto é uma consequência que produz efeitos instituindo religiões, estados e relações capitalistas. O elemento trabalho não necessariamente é luta, pode ser composição e solidariedade. A dialética é efeito de qualquer sociedade que coloca a atividade do “por fins” e do trabalho em disputa. O que o capitalismo faz é transformar o trabalho, objetivando-o fazendo-lhe riqueza, o que deve ser submetido a competição. Porém, o homem tem que ser luta, somos egoístas por natureza? Se atribuímos ao trabalho um significado intrínseco dialético, estamos colocando que só existe possibilidades de disputa, ou seja, só haverá formas de sociedades dominadoras que promovem a servidão e não a liberdade. Assim, a Ética de Espinosa ressoa em Negri como um porvir revolucionário, é preciso novas constituições políticas baseadas na liberdade para realizar modelo da natureza humana de Espinosa.

Espinosa funda o materialismo moderno em sua figura mais alta: determina o horizonte próprio da especulação filosófica moderna e contemporânea, o de uma filosofia do ser imanente e dado, do ateísmo como recusa de qualquer pressuposição de uma ordem anterior ao agir humano e à constituição do ser. (NEGRI, 2018, p. 31).

Se compreendermos que, para realizar o projeto da Ética espinosana é necessária a instituição de um corpo político como democracia plena, em que todos governam e ninguém é governado e a multidão se guiaria sempre por ideias adequadas e as paixões não seriam determinantes, estaríamos, sem dúvida, no caminho de um idealismo. Porém refutamos o idealismo, Foucault já alertava que não existe sociedade sem exercício de poder¹⁸. Analítica de poder foucaultiana seria uma prática para sempre percebermos as relações de mando veladas pelos discursos fosse qual fosse o tipo de sociedade existente. Sem dúvida, em qualquer regime político, mesmo aquele mais democrático, que possibilita o maior exercício da liberdade, ainda existirão traços de servidão.

Contudo, pensar que a natureza humana pela perspectiva do trabalho não é necessariamente dialética, não significa asseverar a inexistência de conflitos. A afirmação de um porvir de diferenças dissolve formas congeladas que impedem, muitas vezes, a produção de novas formações políticas. Logo, para a libertação da identidade neoliberal através da afirmação da diferença, frequentemente, promove “lutas sangrentas” destruindo estruturas, pois a liberdade como constituição de problema e diferenças, às vezes, só pode ser exercida através do enfrentamento com os mecanismos de

¹⁸ BRANCO, 2015, “Michel Foucault: filosofia e biopolítica”, p. 43.

servidão.¹⁹ Assim, Negri busca inspiração na ética do filósofo holandês para a construção de um porvir:

A filosofia de Espinosa exclui o tempo-medida. Ela aprende o tempo-vida. É por isso que Espinosa ignorava a palavra “tempo” – mesmo fixando seu conceito entre vida e imaginação. De fato, para Espinosa o tempo só existe como liberação. O tempo liberado se faz imaginação produtiva, radicada na ética. O tempo liberado não é devir, nem dialética, nem mediação. Mas ser que se constrói, constituição dinâmica, imaginação realizada. O tempo não é medida, é ética. (NEGRI, 2016, p. 21).

Podemos perceber que as filosofias de Deleuze e Negri não contradizem a realidade, pois existe a necessidade de práticas políticas que reconheçam a servidão e promovam a liberdade, sem um idealismo de atingir a suprema perfeição, mas em função da concepção e construção de uma Ética que afirma o exercício do consenso, da democracia, da liberdade e dos princípios de justiça que percebem a realidade de um mundo contemporâneo extremamente desigual. Não se trata aqui de uma “correção do real”, mas a constatação de que a vida, não só pode, como deve ser melhor e, sendo a essência humana a liberdade, quanto mais efetivo for o exercício de nossa potência coletiva, maior será a densidade ontológica humana, constituindo um ser com mais realidade e perfeição.

¹⁹ DELEUZE, 2018, **Diferença e Repetição**, p.14: “O maior perigo é cair nas representações da bela-alma: apenas diferenças, conciliáveis e federáveis, longe das lutas sangrentas. A bela-alma diz: somos diferentes, mas não opostos... E a noção de problema, que veremos estar ligada à noção de diferença, também parece nutrir os estados de uma bela-alma: só contam os problemas e as questões... Todavia, acreditamos que, quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a bela-alma, destituindo-a de sua própria identidade e alquebrando sua boa vontade. O problemático e o diferencial determinam lutas ou destruições em relação às quais as do negativo não passam de aparência e os votos da bela-alma não passam igualmente de mistificações na aparência. Não é próprio do simulacro ser uma cópia, mas reverter todas as cópias, revertendo também os modelos: todo pensamento torna-se uma agressão”.

REFERÊNCIAS

BRANCO, G. Castelo. Michel Foucault: filosofia e biopolítica. Ed. Autêntica. 2015.

BROWN, Wendy. Undoing the Demos: neoliberalism's stealth revolution. Zone Books. 2015.

BENEVIDES, Pablo Severiano. Verdade e Ideologia no pensamento de Michel Foucault. Ecos. Estudos Contemporâneos e Subjetividade. Rio de Janeiro. 2013.

CHAUÍ, Marilena, A Nervura do Real I, ed. Grupo Companhia das Letras, 1999.

DELEUZE, Gilles, Espinosa e o Problema da Expressão, ed. 34, 2012.

_____. Spinoza: *Filosofia Prática*, Barcelona. Tusquets, 2001.

_____. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Conversações, 1992, Ed. 34.

_____. “Diferença e Repetição”, ed. Paz e Terra, 2018.

DELEUZE/GUATTARI, Mil platôs, São Paulo, 1997, Editora 34 Letras.

_____. 2011, “Anti-Édipo”, ed. 34

ESPINOSA, Baruch. Ética, editora autêntica, 2017.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Biopolítica. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2008.

HAYEK, Friedrich. O Caminho da Servidão. Editado por Instituto Ludwig von Mises Brasil. São Paulo. 2010.

NEGRI, Antônio. A Anomalia Selvagem. São Paulo. Editora 34. 2018.

_____. Espinosa Subversivo. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2016.

LAZZARATO, Maurizio, Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo, Tradução de João Perci Schiavon, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de ter Razão, ed. Faro Editorial, São Paulo, 2014.